



## **O historiador e o romancista: o diálogo entre Oliveira Lima e Lima Barreto**

### ***The Diplomat and the Novelist: the Dialogue Between Oliveira Lima and Lima Barreto***

Ricardo Souza de Carvalho

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo/ Brasil

ricardocarvalho@usp.br

**Resumo:** O artigo apresenta o diálogo entre o historiador Oliveira Lima e o romancista Lima Barreto, entre 1916 e 1920, a partir das poucas cartas trocadas entre ambos, que motivaram o envio e a crítica de livros, estimulando uma sociabilidade literária que reconhecia o valor das respectivas obras, mas que convivía com diferentes posicionamentos em relação à questão racial e à representação das camadas populares. Durante o contato entre os dois autores, a carta é uma escrita central que mantém uma relação de proximidade ou contraponto com outros textos e suportes, como o diário, a dedicatória manuscrita em livros e os artigos de periódico.

**Palavras-chave:** Oliveira Lima; Lima Barreto; cartas; sociabilidade literária; pensamento racial.

**Abstract:** The article presents the dialogue between the historian Oliveira Lima and the novelist Lima Barreto from 1916 to 1920, based on the few letters they exchanged. Such exchange motivated the sending and critique of books, which stimulated a literary sociability, acknowledging the value of each other's written pieces even though their position diverged in matters of race and popular strata representation. Throughout the contact between the two authors, the letter was a central writing form that maintained both a sense of proximity and opposition with other texts and supports, such as the diary, handwritten dedication in books, and newspaper articles.

**Keywords:** Oliveira Lima; Lima Barreto; letters; literary sociability; racial thought.

## 1 Cartas do vasto mundo e do Rio de Janeiro

O que faria com que se aproximassem Oliveira Lima (1867-1928), membro fundador da Academia Brasileira de Letras, diplomata em três continentes, que tributava a formação do Brasil e de sua cultura à Europa, primordialmente pela via lusitana, e Lima Barreto (1881-1922), recusado por aquela instituição, visitante dos subúrbios e arredores do Rio de Janeiro, que lhe revelavam mulheres e homens marginalizados pela cor e pela pobreza? Tais diferenças não impediram que se estabelecesse uma relação respeitosa e construtiva entre os dois autores entre 1916 e 1920, envolvendo a troca de cartas e de livros, além da crítica de algumas obras, o que demonstra uma convivência entre diferentes gerações da intelectualidade brasileira do começo do século XX, tomadas pela historiografia literária e cultural separadamente ou como antagônicas. Para começo de conversa, Oliveira Lima e Lima Barreto coincidiam na postura crítica diante das primeiras décadas da República. Um herdeiro direto e outro mais distante dos ideais de participação e de contestação promovidos pela chamada Geração de 70 do século XIX.

Não se está diante de um diálogo epistolar extenso, como o que Oliveira Lima cultivou com o jovem Gilberto Freyre de 1917 a 1927 (GOMES, 2005), ou mesmo a curta correspondência entre Lima Barreto e Monteiro Lobato de 1918 a 1922 (CAVALHEIRO, 2017), mas sim de apenas quatro cartas publicadas no tomo II da *Correspondência* que integra a edição das *Obras completas* de Lima Barreto, publicadas pela editora Brasiliense em 1956, sob a direção de Francisco de Assis Barbosa. A essas cartas se juntam duas missivas inéditas do romancista, preservadas no arquivo da Oliveira Lima Library, na Catholic University of America, em Washington, para a qual o historiador doou cerca de 40.000 livros de sua biblioteca e também, entre outros materiais, a sua gigantesca correspondência com mais de 1.400 personalidades do Brasil e do exterior. Em relação a um dos muitos aspectos de estudo oferecidos por esse rico acervo, Teresa Malatian destacou que “escrever cartas era fundamental para a manutenção da sociabilidade” entre intelectuais e políticos da Primeira República, além de constituir

um importante recurso para contrabalançar a vida errante dos diplomatas, como se eles fossem âncoras lançadas entre os continentes com fios invisíveis conduzindo uma trama de sociabilidades vitais para o sentimento de identidade e para sua

atuação profissional desempenhada em legações espalhadas pelos continentes (MALATIAN, 2009, p. 211).

Contrário foi o caso Lima Barreto, cuja correspondência não apresenta a “amplitude esperada”, pois a condição de que “toda correspondência, por definição, pressupõe afastamento, distância” teria sido comprometida pelo fato de que “raras vezes se afastou Lima Barreto do Rio, e o mesmo se deu com seus amigos, camaradas, ou colegas”, como bem pontuou Antônio Noronha Santos no prefácio à edição da *Correspondência* (BARRETO, 1956a, p. 9). Contudo, entre o “gigantismo epistolar” de Oliveira Lima – tomando emprestada a expressão de Mário de Andrade para sua escrita compulsiva de cartas – e a parcimônia epistolar de Lima Barreto, é possível buscar um diálogo que se envereda por outros gêneros e suportes, além das poucas cartas existentes.

## 2 A carta do diário

Muito antes de qualquer carta, Lima Barreto já conhecia Oliveira Lima, “a quem desde menino, desde a *Revista Brasileira*, do saudoso José Veríssimo, me habituei a ler com interesse e carinho” (BARRETO, 1956b, p. 134), como recordou em 1918, quando mantinham contato. Porém, nas páginas do diário no ano de 1905, investira-se contra a produção do historiador nesse periódico no que tocava ao tema da superioridade e inferioridade das raças balizado pela ciência, uma espécie de resposta tardia dirigida a si mesmo:

É satisfação para minh'alma poder oferecer contestação, atirar sarcasmos à soberania de tais sentenças, que me fazem sofrer desde os quatorze anos.

Oh! A ciência! Eu era menino, tinha aquela idade, andava ao meio dos preparatórios, quando li, na *Revista Brasileira*, os seus esconjuros, os seus anátemas... Falavam as autorizadas penas do Senhor Domício da Gama e Oliveira Lima...

Eles me encheram de medo, de timidez, abateram-me; a minha jovialidade nativa, a satisfação de viver nesse fantástico meio tropical, com quem tenho tantas afinidades, ficou perturbada pelas mais degradantes sentenças.

Desviei a corrente natural de minha vida, escondi-me em mim mesmo e fiquei a sofrer para sempre...

Mas, hoje! Hoje! Já posso alguma cousa e amanhã poderei mais e mais. Não pararei nunca, não me deterei; nem a miséria, as perseguições, as descomposturas me deterão. Sacudi para longe o fantasma do Medo; sou forte, penso, tenho coragem... Nada! Nada! Nada!

É que senti que a ciência não é assim um cochicho de Deus aos homens da Europa sobre a misteriosa organização do mundo (BARRETO, 1956c, p. 112).

Dentre a variada produção de Oliveira Lima para a *Revista Brasileira*, de 1895 a 1900, o que poderia ter abatido tanto Lima Barreto aos 14 anos e provocado seu posterior brado de contestação quando dava seus primeiros passos em sua carreira de escritor? Tudo indica que houvesse sido um dos artigos da série “Primeiras impressões dos Estados Unidos”, de 1896, quando Oliveira Lima servia como secretário da Legação Brasileira naquele país, aproveitados no livro *Nos Estados Unidos: impressões políticas e sociais*, de 1899. O capítulo que abre essa obra, “O problema negro”, discute os desafios do país, ou melhor, dos brancos, para enfrentar o grande contingente de uma raça considerada inferior, que nunca deixaria de lhes provocar aversão. Em linhas gerais, Oliveira Lima não compartilhava o desprezo e a violência contra os negros, reconhecendo aptidões para um certo adiantamento, desde que sob a tutela do branco, a fim de evitar um retorno a um estado primitivo. Nessa direção, além dos “esforços dos brancos apostolizadores”, destacou o educador e escritor Booker Washington, nascido ainda sob a escravidão, que atuava em prol da educação e dos direitos dos negros, quem, por outro lado, daria “prova da aptidão da raça ou, segundo pretendem alguns de variedades da raça para melhorar de condição intelectual” (LIMA, 2009, p. 84-85).

O Brasil, nesse capítulo, é mais de uma vez requisitado como contraste positivo, já que o preconceito de cor seria “muito menos forte”, crença que fazia Oliveira Lima apostar que o país estaria “mais perto de pôr em prática a equidade social educando a raça negra, evitando que ela, fora do carinho interesseiro das plantações, recaia na barbárie que ainda lhe não tinha sido dado despir inteiramente” (LIMA, 2009, p. 84). Pode-se supor que a passagem a seguir, entre outras, houvesse perturbado

o adolescente que se dedicava com afinco em sua formação, inclusive sendo leitor do mais importante periódico cultural daquele momento:

Educação mais alta de pouco lhes aproveitará nos Estados Unidos. Infelizmente ela apenas serve, como exclamava na tribuna o Senador Morgan, para tornar mais perceptíveis ao negro as barreiras que lhe impedem alcançar posição e poder. Não só possui ele probabilidade alguma de vir a governar, como a não possui de vir sequer a colaborar no governo. Será sempre um pária, um réprobo, um servo, vegetando em situações subalternas, pouco mais do que era antes da abolição (LIMA, 2009, p. 86).

Voltando-se no final ao Brasil, explicou que devido ao melhoramento do negro “num ambiente de brancos” e “por causa da escassez, do relativo atraso mental e do enervamento da raça colonizadora”, fazia-se necessária a imigração europeia para evitar que o país se afundasse “num alastramento de raças inferiores” (LIMA, 2009, p. 89-90). Thomas Skidmore alertou que essa visão de Oliveira Lima “foi, em vários aspectos, bastante característica da época”, sendo que as resenhas e comentários ao livro “concentraram-se em sua análise da questão racial”, cujas “teses eram geralmente aceitas” (2012, p. 120-121). Foi contra essa aceitação generalizada e institucionalizada que Lima Barreto insurgiu-se em 1905, na esfera privada do diário, retornando, como veremos mais adiante, no diálogo epistolar com Oliveira Lima.

Por outro lado, Lima Barreto deve ter apreciado o quadro da chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808, em “D. João VI no Brasil”, realizado por Oliveira Lima para o último número da terceira fase da *Revista Brasileira*, em 1900. Lima Barreto cogitou participar do concurso de memória histórica sobre o reinado de Dom João VI promovido pelo IHGB, proposto em carta a Antônio Noronha Santos de 11 de junho 1904 (BARRETO, 1956a, p. 60). Ele deixou em seu diário um plano geral do que poderia vir a ser o trabalho, intitulado *Dom João VI no Brasil*, prevendo abordar a “escravatura”: “Leis relativas. Aumento progressivo. Relações entre senhores e escravos. Tronco. Bacalhau. Cantos de senzala. Caráter dos negros. Mulatos. O banzo. Viajantes estrangeiros. Capacidade dessa gente pra civilizar-se. Modo de proceder do rei” (BARRETO, 1956b, p. 42-43). Estava às voltas com esse tópico desde o ano anterior, quando registrou em seu diário que no futuro escreveria a *História da escravidão negra no Brasil* e sua

influência na nossa nacionalidade” (BARRETO, 1956b, p. 33). Tanto esse estudo quanto a memória do concurso não vingaram, dando lugar à prosa ficcional e jornalística. Quem venceu o concurso foi Oliveira Lima, que desde o final do século XIX vinha se dedicando ao tema, lançando em 1908 o seu monumental *Dom João VI no Brasil*, mencionado por Lima Barreto em passagem da crônica “Alvarás, Cartas Régias, etc.”, como “profundo estudo sobre esse infeliz rei” ao revelar que fora “dos chefes de Estado do Brasil aquele que mais feriu o espírito do povo” (BARRETO, 1956d, p. 165).

### 3 O historiador consagra o romancista

Oliveira Lima levou mais tempo para conhecer Lima Barreto, por intermédio do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, aparecido em 26 de fevereiro de 1916, o qual motivou o historiador a escrever um artigo para *O Estado de São Paulo*, apenas em 13 de novembro daquele ano. Lima Barreto distribuía exemplares do romance a várias redações de jornais, críticos e escritores, incluindo os festejados Rui Barbosa e Olavo Bilac (BARRETO, 1956c, p. 177-181). Talvez o exemplar oferecido a *O Estado de São Paulo* houvesse chegado às mãos de Oliveira Lima, colaborador de longa data do periódico. No entanto, a repercussão da obra foi restrita, segundo o comentário do autor nas páginas de seu diário: “Meu livro, o *Policarpo*, saiu há quase um mês. Só um jornal falou sobre ele três vezes (de sobra)” (BARRETO, 1956c, p. 126). Mais adiante, acrescentou que “os críticos generosos só se lembravam diante dele do Dom Quixote”, fazendo remissão a Oliveira Lima e Afonso Celso (BARRETO, 1956c, p. 181). Apesar da pouca ressonância inicial, o romance tornou-se um dos mais conhecidos de Lima Barreto e a crítica de Oliveira Lima, por sua vez, uma espécie de cartão de visitas, reproduzido em edições posteriores como a das *Obras completas* da Brasiliense em 1956, ou mais recentemente a do selo Penguin & Companhia das Letras em 2011.

Oliveira Lima em seu texto também denunciou que a “imprensa do país” não dera ao romance “ainda a devida atenção”, lembrando, de forma provocativa, que 15 anos atrás a mesma imprensa saudara como “revolução genial” o romance *Canaã*, do seu colega de diplomacia Graça Aranha. Enquanto os “tipos desenhados” por Graça não perdurariam na “memória dos intelectuais”, no *Triste fim de Policarpo Quaresma*, “em

todo sentido cem vezes superior”, a personagem do major Quaresma viveria “na tradição, como um Dom Quixote nacional” (LIMA, 1975, p. 220), inaugurando assim uma associação muitas vezes retomada.

Se não bastasse destronar um figurão das letras para dar lugar a um talentoso escritor que não tinha as mesmas credenciais de uma posição de prestígio, Oliveira Lima rebateu aqueles que acusavam o estilo de “menos cuidado e por vezes incorreto”, julgamento que por muito tempo rondaram muitas abordagens: “O Sr. Lima Barreto procura felizmente não escrever bonito: antes, mil vezes antes, singelo, familiar mesmo, do que pernóstico” (1975, p. 221). Além disso, percebia nesse “grande livro”, um “sopro de compaixão, uma vibração misteriosa de piedade que resgata qualquer defeito de composição, que ainda possa apresentar essa segunda tentativa, no gênero romance, da mais prometedora vocação da geração nova, espírito no qual se alia ao senso do pitoresco o senso social” (LIMA, 1975, p. 223). Tal reconhecimento, vindo de um dos mais importantes homens de letras do Brasil e com projeção internacional, fez com que Lima Barreto passasse a retribuir com cartas e livros, nos quais fórmulas de cortesia e dedicatórias reiteram uma sociabilidade literária que não se configurou em um diálogo mais próximo e contínuo.

Cinco exemplares das obras de Lima Barreto encontram-se no acervo da Oliveira Lima Library. Na esteira da crítica ao *Triste fim*, um exemplar do romance, datado de 30 de novembro de 1916, foi oferecido a “Exa. Sra. Oliveira Lima”, Flora, a dedicada companheira do historiador, que após a morte dele, em 1928, esteve à frente da biblioteca até o fim de sua vida, em 1940. Um volume de *Numa e a ninfa: romance da vida contemporânea*, saído em 1917 das Oficinas do jornal *A Noite* – o mesmo onde fora publicado em folhetins em 1915 – foi enviado a Oliveira Lima, “com muita admiração e agradecimento”, em 6 de junho desse ano. A impressão de Oliveira Lima a respeito da obra veio logo. Anunciado como “O novo romance do Sr. Lima Barreto”, o historiador, em artigo para *O Estado de São Paulo*, de 18 de agosto de 1917, compartilhava a visão desalentadora do país retratada naquele “terrível libelo político sob a aparência amena de uma novela” (LIMA, 1975, p. 226). A frase final enaltecia ainda mais o valor de Lima Barreto: “Ninguém hoje, no Brasil, cultiva o gênero literário do romance com tanto talento e tanta facilidade quanto esse ironista sem rebuços nem artifícios” (LIMA, 1975, p. 226).

Como resposta a mais uma boa acolhida, Lima Barreto enviou uma brevíssima missiva ao historiador, em 1º de setembro de 1917: “Acabo

de ler o seu artigo no *Estado de São Paulo*. Não sabe como lhe agradeço a benevolência e a animação que me dá” (BARRETO, 1956e, p. 38). Na sequência, anuncia que acabava de rever as provas da segunda edição do seu *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, publicado em 1909, com a promessa de remetê-lo, “logo aos primeiros exemplares, pelo fim do mês” (BARRETO, 1956e, p. 38). O exemplar do romance de estreia chegou com dedicatória de 11 de setembro de 1917, quase reproduzindo as fórmulas e expressões da carta de poucos dias antes: “Ao Exo. Sr. Oliveira Lima, com muita admiração e agradecimento”.

Após as *Recordações*, foi a vez de enviar *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, cujo exemplar traz, na página da “Advertência”, dedicatória de 28 de fevereiro de 1919: “com profundo reconhecimento e imensa gratidão”. No entanto, esse volume guardado na Oliveira Lima Library apresenta, além da inscrição de Lima Barreto, mais uma particularidade que materializa a ligação estreita entre a carta e o envio de livros presente em tantas correspondências. Não se sabe se o próprio Oliveira Lima ou outra pessoa, como a esposa Flora, colou na folha de rosto o envelope que contém uma missiva de 1º de março de 1919 de Lima Barreto ao historiador, que não consta na edição da *Correspondência*. O romancista começa pedindo “mais uma vez” desculpas por não ter ido pessoalmente visitá-lo. Como justificativa, adentra em pormenor da vida pessoal ausente na formalidade de outras cartas: “Tenho andado atarefado e ocupado com muitas cousas que fatigam sobremodo. Entre elas, está a liquidação de minha aposentadoria que, como pequeno empregado que fui, é sempre cousa desesperadora de por um sujeito doido”. A breve confissão termina por aí. Desde o ano anterior, Lima, após seus problemas de saúde devido ao alcoolismo que lhe valeram duas internações, era aposentado de seu cargo na Secretaria da Guerra.

Na resposta a essa carta, de 13 de março de 1919, que integra a edição da *Correspondência*, Oliveira Lima agradece a remessa do novo romance – “que vou ler com o interesse e gosto com que leio tudo quanto escreve” –, além de se manifestar sobre o desencontro dos dois: “Senti não o ter visto por ocasião da nossa viagem ao Rio, mas a estadia foi muito curta. Estimei que haja liquidado satisfatoriamente a sua aposentadoria” (BARRETO, 1956e, p. 38). Essa poderia ter sido a única ocasião em que Oliveira Lima e Lima Barreto estariam frente a frente.

A importância da crítica de um nome de prestígio para promover uma obra foi aventada pelo editor de *Vida e morte*, Monteiro Lobato,



quem, nesse sentido, aconselhou Lima Barreto em carta: “Se pilhas um bom artigo no *Estado*, como aquele do Oliveira Lima, era ótimo” (CAVALHEIRO, 2017, p. 67). O romancista respondeu a Lobato que havia se adiantado: “Já mandei o livro ao Oliveira Lima e ele já me agradeceu por carta. Quando publiquei o *Policarpo*, não lhe mandei e ele fez o que fez. Soube que havia saído no *Estado* devido às minhas relações nos jornais daqui. Agora, creio eu, devo esperar” (CAVALHEIRO, 2017, p. 69). Oliveira Lima não chegou a se manifestar sobre *Vida e morte*, talvez porque não o provocasse de forma mais imediata quanto *Triste fim e Numa e a ninfa*, tomados como retratos da situação política e social do país, dentro da melhor tradição do romance realista para esse que foi, como tantos outros, um admirador de Eça de Queirós.

#### 4 O romancista contesta o historiador

O silêncio de Oliveira Lima em relação a *Vida e morte* não implicou no fim do diálogo com Lima Barreto. O momento mais tenso desse contato veio com uma carta de 29 de junho de 1919, endereçada por um Lima incomodado por um artigo publicado no dia anterior no periódico *A.B.C.*, intitulado “O perigo americano”, em que Oliveira Lima reagia contra aqueles que viam os Estados Unidos como uma ameaça a ser evitada. As “dúvidas suscitadas” pelo artigo referiam-se ao último parágrafo que tentava superar um tópico que poderia interferir na relação entre Brasil e Estados Unidos, sugerindo que os brasileiros não se valessem do “preconceito racial” institucionalizado naquele país a fim de hostilizá-lo:

Há o preconceito de cor: por mais amigos políticos que sejam, os americanos não fazem de pretos – e preto é todo mulato até branquear por completo, que se não perceba mais nem de longe nem de perto, nem pela vista, nem pelo olfato – seus amigos. Relações internacionais são uma cousa: relações sociais são outra cousa diversa. O mundo tem de dar ainda muita volta para isso mudar, e não se pode levar tanto a mal aos americanos que eles assim procedam com estrangeiros, quando procedem igualmente com os seus nacionais. Roosevelt, que era homem de inovações, sentou um dia a sua mesa Booker-Washington, que era um educador e um preto de bem, nobre como um branco...; se ele porém ao despedir-se lhe pedisse a mão da filha, botava-o de

porta afora a cacete. Nós não pensamos assim, mas não devemos levar a discrepância até a inimidade. Já disso sabíamos quando nos metemos na intimidade política daquela nação (LIMA, 1919).

A figura de Booker Washington, que já fora mencionado como exceção no capítulo “O problema negro”, era resgatado em uma suposição caricatural que ratificava a cisão entre brancos e negros, não importando o quanto um negro fosse proeminente e “nobre como um branco”. Na sua carta, Lima Barreto procurou questionar com ironia a diplomática condescendência do historiador, colocando-se propositalmente na sua condição de homem negro, tão educado e “preto de bem” quanto um Booker Washington:

Previno ao senhor que não tenho nenhuma pretensão junto à filha de Roosevelt ou de outro indivíduo mais ou menos semelhante ao Senhor Teodoro.

A minha tenção era perguntar-lhe, ao senhor, mais esclarecido e inteligente do que eu, conhecendo bem a evolução de ideias e a sua transformação em sentimentos, a ditar atos quase automáticos – se eu, homem de cor, mulato, etc. etc., posso e devo concorrer de alguma forma para reforçar a influência ou o predomínio, no Brasil, dos Estados Unidos; e, também, se não é minha obrigação de modesto homem da pena combater todas as maneiras essa influência? (BARRETO, 1956e, p. 39).

Diga-se de passagem que Lima vinha promovendo vigorosamente tal combate pela imprensa, a exemplo do artigo “O nosso ‘ianquismo’”, estampado na *Revista Contemporânea* três meses antes, no qual uma frase sinaliza bem que ele não apresentava nenhuma dúvida sobre o seu posicionamento: “Nós só vemos dos Estados Unidos o verso, não vemos o reverso ou o avesso; e este é repugnante, vil e horroroso” (BARRETO, 1956f, p. 185). Ao final de uma carta, que não segue o padrão das demais, protege-se com as conhecidas fórmulas de cordialidade: “Desculpará o Senhor Oliveira Lima a liberdade que tomo; e creia-me que só a tomei devido à bondade com que me tem tratado, pela qual lhe sou profundamente agradecido” (BARRETO, 1956e, p. 39). Ainda assim, nada que lembre a virulência da “Carta aberta” que dirigira ao diplomata Hélio Lobo em 8 de setembro de 1917 no periódico *O Debate*, na esteira da recusa da sua inscrição à vaga de Sousa Bandeira na ABL, que seria ocupada por Lobo: “Cônsul em Londres, tendo ganho tanto dinheiro,

moço, *chic*, altamente colocado, o que devias querer? Um casamento rico – não é? Pois, a que me dizem, queres ser acadêmico, literato. Lá não é teu lugar, Hélio. Que é que tu vais fazer lá? Responde-me, meu caro Hélio Lobo” (BARRETO, 1956g, p. 203).

Enquanto naquele remoto 1905 permitiu-se em o diário afrontar as posições de Oliveira Lima na *Revista Brasileira* sobre o negro nos Estados Unidos, em 1919 o mesmo tema retornava em carta por meio de uma provocação atenuada por subterfúgios retóricos. A necessidade de um outro que se posicione a respeito do que foi escrito seria uma diferença sensível que Brigitte Diaz observa entre a carta e o diário:

Contrariamente ao diarista que escreve solitário e sem preocupar-se com a intervenção de um olhar estranho, o epistológrafo espera, como reação a seus solilóquios, uma avaliação, assentimento ou condenação, pouco importa, desde que um outro venha submetê-los a seu olhar e a sua escuta (DIAZ, 2016, p. 150).

Lima instigava uma reação por parte do historiador, quem sabe uma resposta atrasada para o desabafo do diário.

Oliveira Lima não se esquivou a responder o romancista em uma carta mais extensa de 9 de julho de 1919, esperando que ele lhe fizesse a justiça de crer que não teria “preconceitos estúpidos de cor, que aliás não são brasileiros” (BARRETO, 1956e, p. 39-40), convicção assentada desde as impressões sobre os Estados Unidos na *Revista Brasileira*. Para tanto, remeteu o romancista a um trabalho mais recente, uma série de conferências realizadas por ele em universidades norte-americanas em 1912 e que resultaram no livro *América Latina e América Inglesa: a evolução brasileira comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana*, no qual teria defendido que “a solução portuguesa dada ao problema das raças era a verdadeira e não a americana” (BARRETO, 1956e, p. 40). O volume constava no inventário da biblioteca de Lima com o registro “551 – América Latina. Oliveira Lima” (BARBOSA, 1988, p. 292), provavelmente enviado pelo próprio autor junto a essa carta. Nessa obra, Oliveira Lima legitimava os “cruzamentos físicos e morais” da América Latina frente ao antagonismo inconciliável entre as raças nos Estados Unidos, porém ainda apostando, como fizera no final do século XIX, no desaparecimento do mestiço no Brasil, “país que se tornará no futuro, e não em um futuro longínquo, segundo tudo leva a crer, um viveiro de gente branca e um foco de civilização latina”

(LIMA, 2010, p. 51). Antes disso, haveria a “influência moral europeia, mesmo sobre o produto cruzado”, que possibilitou o surgimento, por exemplo, do “mulato” Machado de Assis como o “escritor mais delicado, mais sutil, mais ateniense que registram os anais literários do país” (LIMA, 2010, p. 61). Essa convivência entre posturas contraditórias no pensamento brasileiro do período – não somos racistas como os norte-americanos e precisamos de um Brasil branco – permitia que Oliveira Lima respondesse a Lima Barreto, sem constrangimentos, que, sim, uma “pessoa de cor” deveria favorecer a amizade com os Estados Unidos, uma vez que não haveria “o menor perigo de que esse prejuízo entre jamais na nossa psicologia. Não entrou nos piores, quanto mais agora” (LIMA, 1956e, p. 40).

Ao final, Oliveira Lima esclarece que não defendia a compreensão da política pan-americanista como o predomínio americano no Brasil, mas sim “uma *entente cordiale* de igual para igual. Terá notado que o meu artigo é simpático, sem ser sabujo: bem longe disso. Nos Estados Unidos mesmo tenho dito o que penso sobre o assunto, e valha a verdade, nunca lá mo levaram a mal. Basta-lhe a explicação?” (BARRETO, 1956e, p. 40-41). Aqui termina a seção “Oliveira Lima” da edição da *Correspondência*. Não foi encontrada, no acervo da Oliveira Lima Library, uma carta de Lima que desse sequência a essa resposta. Porém, não seria difícil inferir que aquela explicação não lhe bastasse, e ao invés de partir para um confronto direto que ameaçaria sua relação com Oliveira Lima, preferiu uma resposta indireta, que valeria por uma carta aberta sem remetente, mas dirigida a muitos outros. Trata-se de um ataque contundente às teorias raciais que justificavam preconceitos e crimes no artigo “Considerações oportunas”, publicado no mesmo periódico *A.B.C.*, em 16 de agosto de 1919. Logo no início, Lima chamou a atenção para recentes chacinas de negros em Washington e Chicago a fim de denunciar o “ódio coletivo” nos Estados Unidos, sem as concessões de Oliveira Lima:

O doutor Nicolau Ciancio, a quem me prende uma estima fraternal de antigos companheiros de quando estudantes, teve a hombridade de vir pelo *Rio-Jornal* dizer alguma coisa de reprovação contra as execuções sumárias e crudelíssimas de negros, em duas grandes cidades dos Estados Unidos.

Trouxe além do seu protesto sentimental e moral, a sua reprovação a certos doutores que, implicitamente, com as suas teorias

desonestas, pretendem justificar tão inumanos e pouco modernos espetáculos (BARRETO, 1956d, p. 188).

Em seu diário em 1905, Lima dissera a si mesmo que sentia que “a ciência não é assim um cochicho de Deus aos homens da Europa sobre a misteriosa organização do mundo”, que lhes autorizasse condenar as raças não brancas. Nesse momento, escorado em uma falsa modéstia, pôde dirigir a muitos que a ciência não mais sentenciava a inferioridade e a conseqüente eliminação de um ser humano: “Com a minha ignorância reconhecida, em falta de alguém mais competente, eu pretendi com essas linhas ligeiras dizer que a Ciência (com C grande) não autoriza, no seu estado atual, nenhuma matança de seres humanos, por serem desta ou daquela raça” (BARRETO, 1956d, p. 193). Em lugar de uma réplica no espaço privado da carta, que pudesse comprometer a boa relação com o historiador, o romancista parece ter optado pelo artigo que atingiria um grande público, inclusive o próprio Oliveira Lima.

## **5 Onde está o povo da Argentina... e do Brasil?**

Na outra carta conservada na Oliveira Lima Library e fora da edição da *Correspondência*, datada de 5 de março de 1920, Lima acusava recebimento do volume *Na Argentina*, publicada nesse ano e enviada pelos editores de São Paulo por intermédio do autor. Na sequência, reiterou o valor de uma obra que se prestava ao estudo do país vizinho com o qual o Brasil mantinha uma histórica relação de rivalidades e tensões: “Tão superior alcance do seu livro, nestas horas tenebrosas do Brasil valentão, é um consolo para todos nós que desejamos a união fraterna dos homens”. Fruto de uma estada entre 1918 e 1919, *Na Argentina* juntava-se aos outros “livros de viagem” de Oliveira Lima, o já mencionado *Nos Estados Unidos* e *No Japão*, de 1903.

O livro foi abordado por Lima Barreto na parte final do artigo “Livros de viagem”, os quais foram uma das leituras prediletas dele na infância, mas que rareava na vida adulta frente a uma experiência singular com as viagens:

Atualmente, sérias ou não, pouco procuro ler viagens; já me sinto muito viajado em torno do meu próprio quarto; já sei muito bem que ele é a vastidão do meu mundo e que a essa vastidão me devo condenar. Antigamente ainda ia a Niterói; cheguei até a projetar uma longa viagem a Petrópolis; hoje, porém, nem esse desejo

tenho. Fico no meu canto e a maior viagem que faço, é ir, de onde em onde, ao centro da cidade. Não imaginem que seja pequena; não é. De onde moro até a Rua do Ouvidor, há bem duas léguas.

Não quer dizer com isto que abomine as viagens; nem abomino nem invejo. (BARRETO, 1956f, p. 205)

Esse trecho, que trai um certo ar de família com outro romancista que praticamente não viajou além dos limites do Rio de Janeiro – Machado de Assis –, demarca uma das maiores diferenças entre ele e Oliveira Lima. O historiador passou a maior parte da sua vida em diversos lugares fora do Brasil: primeiro, aos cinco anos mudou-se com a família para Lisboa; como diplomata, entre 1892 e 1913, serviu em Berlim, Washington, Londres, Tóquio, Caracas e Bruxelas; e por fim, nesse mesmo ano de 1920, se fixava em Washington, onde fundou a Ibero-American Library, na Catholic University of America, em 1924, vindo a falecer ali quatro anos depois.

Nesse artigo, Lima Barreto voltava a atacar um dos seus alvos contumazes, os diplomatas, cujos livros de viagem “em geral, são de uma pasmaceira de quem não tem olhos para ver e inteligência para penetrar” (BARRETO, 1956f, p. 206). O mesmo não poderia ser dito de Oliveira Lima, quem buscou “constituir elementos de paz e concórdia entre vizinhos” por meio de um “livro excelente, que nos faz conhecer a República Argentina sob vários aspectos” (BARRETO, 1956f, p. 209). Apesar disso, reparou em uma grande ausência na obra:

[...] Encontro, nele, porém, uma falta: é o povo argentino. Sua Senhoria não se preocupa com as camadas ditas representativas. Professores (lá são ricos, diz Sua Senhoria), gente do mundo, estancieiros; mas o povo, na sua nudez, o Senhor Oliveira Lima deixa de parte. Penso eu que não foi propositadamente, mas uma omissão involuntária, devida aos hábitos da profissão.

Mesmo, em literatura, a obra só nos fala de autores consideráveis, não há dúvida, mas de autores cujo mérito e importância de sua posição social torna de alguma forma suspeito.

Nas nossas democracias sul-americanas, sequiosas todas de medalhas e considerações, os poderosos não deixam aos humildes nem o direito de dizerem tolices em prosa ou verso. Eles o tomaram também para si (BARRETO, 1956f, p. 209).

Mais uma vez, Lima Barreto equilibrava-se entre o respeito e a gratidão para com Oliveira Lima e as inevitáveis divergências no que diz respeito à nação e suas camadas marginalizadas. A desculpa da “omissão involuntária, devida aos hábitos da profissão”, diga-se, da diplomacia, diluía de certa forma uma crítica mais direcionada ao historiador.

A última peça desse diálogo é o livro de contos de Lima Barreto, *Histórias e sonhos*, que consta na Oliveira Lima Library com uma dedicatória sem data: “Ao Sr. Oliveira Lima, como sincera homenagem ao seu talento e independência de pensar”. O volume foi editado em 1920 pela Gianlorenzo Schettino Livraria Editora, do amigo Francisco Schettino. Nas páginas finais, foram reproduzidos “Juízos críticos formados em torno da personalidade de Lima Barreto, através dos seus livros e do seu formoso temperamento de romancista, por escritores e jornalistas laureados do nosso meio”, entre os quais não poderia faltar Oliveira Lima com as últimas linhas de sua crítica ao livro *Numa e a ninfa*. Até a morte do romancista, em 1922, não foi encontrado mais nenhuma carta ou outro tipo de contato com o historiador.

A troca epistolar entre Lima Barreto e Oliveira Lima, por mais reduzida e lacunar que seja, aponta para uma sociabilidade literária que encena tanto o reconhecimento mútuo, quanto o confronto entre diferentes concepções de raça e povo. Por outro lado, as cartas não se mostram como textos estanques, vinculando-se a outros escritos e suportes – diários, dedicatórias manuscritas em livros, artigos na imprensa, dentre outros –, por meio dos quais o romancista reverencia o historiador, mas sem deixar de provocá-lo em suas convicções.

## Referências

BARBOSA, F. de A. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

BARRETO, L. *Correspondência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956a. t. 1.

BARRETO, L. *Impressões de leitura: crítica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956b.

BARRETO, L. *Diário íntimo: memórias*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956c.

BARRETO, L. *Feiras e mafuás*: artigos e crônicas. São Paulo Brasiliense, 1956d.

BARRETO, L. *Correspondência*. Tomo II. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956e.

BARRETO, L. *Bagatelas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956f.

BARRETO, L. *Marginália*: artigos e crônicas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956g.

CAVALHEIRO, E. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto com notas, manuscritos e acréscimos*. Organização de Valéria Lamego. 2. ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2017.

DIAZ, B. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira: São Paulo: EDUSP, 2016.

GOMES, A. de C. (Org.). *Em família*: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

LIMA, O. *América Latina e América Inglesa*: a evolução brasileira com a hispano-americana e com a anglo-americana. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

LIMA, O. *Ensaios literários*. Rio de Janeiro: ABL, Departamento de Imprensa Nacional, 1975.

LIMA, O. *Nos Estados Unidos*: impressões políticas e sociais. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2009.

LIMA, O. O perigo americano. *A.B.C. Política. Atualidades. Questões sociais. Letras e artes*. Rio de Janeiro, a. V, n. 225, 28 jun. 1919.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCAS, Tania Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. 195-221.

SKIDMORE, T. *Preto no branco*: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930). Tradução de Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Data de recebimento: 28 de fevereiro de 2018.

Data de aprovação: 20 de abril de 2018.